

“Os seres humanos são animais”

Conor McPherson escreve para exorcizar os seus demónios. Falou com Maddy Costa sobre religião, alcoolismo, e rupturas dolorosas

Quarta-feira, 13 de Setembro de 2006

The Guardian

(excertos dessa entrevista)

Há um som distintivo que Conor McPherson faz ao descrever como escreve as suas peças: é uma espécie de barulho viscoso, expelido, como se qualquer coisa pegajosa atirasse de chapa numa mesa. As peças “vêm-me muito do inconsciente”, diz ele. “Descrevo-as como qualquer coisa que vem do corpo e que o cérebro tenta apanhar.” Começa quando uma imagem lhe vem à cabeça espontaneamente; devagarinho, as pessoas que contém começam a mexer-se e a falar, e depois expele: ali estão elas na página.

Não é uma explicação que faça propriamente justiça à poesia e à magia do seu trabalho. Desde que *The Weir* [trad. port. Lucefécit] estreou em Londres em 1997, quando tinha apenas 25 anos, McPherson tem hipnotizado público e críticos com as suas histórias de almas perdidas e vidas conturbadas. Frequentemente, a perturbação que retrata reflecte a sua: embora diga que nunca determina escrever sobre a sua própria experiência, é possível traçar o percurso da sua vida nas histórias que pinta, histórias de excesso de álcool, rupturas, morte e esperança lograda(...)

Se aquele som expelido, e a velocidade a que escreve, sugerem que ele acha fácil o seu labor, estão muito enganados. Este é um homem com uma relação complexa, de amor-ódio, com a escrita, que escreve para exorcizar as vozes prolixas da sua cabeça. “É como se houvesse um reactor nuclear de ansiedade constantemente em agitação”, diz ele, “e o resultado são estas peças que saltam de vez em quando.” Para ele, escrever não é uma questão de escolha. “Se eu não fosse assolado pela necessidade de escrever coisas”, pondera, “talvez isso fosse uma bênção.”

Actualmente com 34 anos, McPherson começou a escrever ainda na adolescência, pouco depois de ter virado costas à religião. O único filho rapaz de uma família da classe média de Dublin, (...) frequentou uma escola católica rígida onde, até aos nove anos de idade, foi regularmente soado pelos seus pecados. Não é de surpreender que tenha começado a pensar “O que é que eu ganho com isto?”. Achava que Deus “parecia um ser perverso, que criou o diabo e o inferno e queria que as pessoas fossem para lá, que parecia saber tudo mas não nos dava sequer uma oportunidade. Não fazia sentido.” Aos quinze anos, decidiu que “mesmo que morresse e fosse para o inferno, preferia ser livre durante a vida.”

Embora tivesse começado por escrever contos, o plano não era tornar-se escritor, mas sim músico, guitarrista numa banda. No entanto, os pais preocupavam-se (...) e mandaram-no para o University College de Dublin, onde estuda Filosofia e Língua e Literatura Inglesas. “Pensei que provavelmente seria fácil.”

Não esperava que o curso mudasse a sua vida. A filosofia ensinou-lhe “que o que é preciso aceitar é que não sabemos nada, que somos ignorantes, o que é um sítio muito libertador onde se estar.” A Literatura, entretanto, deu-lhe a conhecer as peças de David Mamet. “O dia em que li o *Glengarry Glen Ross*, aí é que foi.”, diz ele. “Percebi exactamente o que queria fazer.” Inicialmente parodiando Mamet, começou a escrever e a produzir as suas próprias peças e nunca mais parou. Para além de dar algumas explicações enquanto estudava – e de trabalhar, como a mãe, em part-time numa loja de sapatos – ser escritor e enenador são os únicos empregos que alguma vez teve.

Mesmo agora, com os seus óculos sem aros, cabelo ruivo aprumado e ar sério, McPherson parece e soa todo ele a filósofo. As suas peças são, também elas, o resultado de um processo longo de reflexão sobre quem somos, porque somos e o que somos. Actualmente, diz que escreve sob o ponto de vista de que “os seres humanos são animais: 90% do nosso comportamento é comportamento animal e só nos restam estes 10% de aparência, de semelhança a uma escolha civilizada, racional. Os nossos pensamentos estão sempre a perseguir os nossos apetites, justificando-os com linguagem: é trágico e hilariante. É essa a imagem que construo nas minhas peças: a de animais que falam e que pensam que por isso sabem tudo.” (...)

Apercebeu-se de que a “verdade real e crua” da sua vida está profundamente enraizada no seu trabalho. Pessoalmente, diz, “Não sou um bom contador de histórias – prefiro de longe estar com pessoas conversadoras, ter o luxo de ouvir.” Em vez disso, as histórias infiltram-se nas suas peças – e que angústia está ali contida. O avô, que McPherson visitava frequentemente em criança, às vezes para estarem simplesmente sentados juntos na mesma sala, morreu quando ele estava a escrever *The Weir*; a peça pulsa com questões em torno da possibilidade de encontrar descanso após a morte. *Port Authority* [trad. port. *Embarques*] (2001), peça em que três homens reflectem sobre a complexidade do amor, foi escrita quando a sua própria relação de uma década, com uma bailarina que conheceu na universidade, chegou ao fim. (...)

O seu conflito era também com a cultura Irlandesa: “A bebida está em toda a parte, nada acontece sem que ela esteja. Namoros, casamentos, funerais, idas ao teatro, tudo: é sempre álcool, álcool, álcool.” Mais nociva ainda era qualquer coisa inata: uma dúvida tão pronunciada que, apesar de ter ganhado um prémio Olivier com *The Weir*, em 1999, “nunca sentia que tivesse êxito. Achava que era tudo muito accidental.” Isto, segundo ele, fez com que o alcoolismo se tornasse inevitável. “Estava dentro de mim e ter-

me-ia acontecido qualquer que fosse a minha ocupação. Mesmo que eu fosse funcionário público, provavelmente teria sido o meu destino.”

O uísque não o impediu de escrever (...) Port Authority; apenas encharcou as horas em que não estava a escrever. E podia ter continuado, até que uma noite, em Fevereiro de 2001 – a noite em que Port Authority estreou no West End – McPherson entrou em colapso e foi levado de emergência para o hospital. Teve uma pancreatite e não pode voltar a casa durante mais de dois meses. “O meu corpo cedeu”, diz simplesmente, “e acabou-se.” Não voltou a beber desde essa altura.(...)

(...)“Vivo como artista e isso é uma sensação incrível, é um absoluto luxo. E já que tenho esta oportunidade fantástica, com tanta liberdade, estou determinado a fazer qualquer coisa que valha a pena. Sinto a responsabilidade de criar qualquer coisa que comova um público, que o leve a algum lugar. Mas isso é muito difícil de atingir.”

E então o “reactor nuclear de ansiedade” volta a agitar-se. Tem, segundo ele, uma provisão constante de combustível: “Sou ansioso em relação ao trabalho, ao futuro, às amizades, às relações passadas... Sou uma daquelas pessoas para quem tudo, o que quer que estejam a fazer, é uma grande preocupação.” É vertendo essa preocupação para as suas peças que consegue afectar o seu público tão profundamente. Mas é também por isso que, uma vez conduzida a peça ao palco em segurança, lava daí as suas mãos. “Depois de fazer uma peça, tendo a nunca mais a encenar. Tendo a nunca voltar a ver qualquer produção da peça, porque a sinto demasiado próxima de mim. É um círculo vicioso”, conclui, num tom que mistura graça e desespero.